

## Pode entrar, a brincadeira pode ser tua também

Samuel Morais Silva <sup>1</sup>  
Sandra Haydée Petit <sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta interventiva é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Onde tivemos como objetivo utilizar brincadeiras africanas em aulas de recreação como instrumento facilitador para a implementação da Lei Nº 10.639/03 que reformulou a LDB (9.394/96), determinando aos estabelecimentos públicos e privados das escolas no âmbito nacional, a obrigatoriedade de conteúdos e metodologias que pautem comprometidamente o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira. O lócus de investigação se constituiu em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I, na escola EEIEF 08 de Março. Instituição vinculada à rede municipal de ensino da cidade do Crato, na região do Cariri, Sul do Ceará. Para tanto, realizamos intervenções pedagógicas propositivas e potencializadoras sob aporte da Pretagogia (PETIT, 2015), referencial teórico-metodológico inventivo, criativo e artístico equipado de conhecimento e saber de matriz africana.

**Palavras-chave:** Brincadeiras; África; Lei 10.639/03; Escola. Pretagogia.

**Resumen:** La propuesta de intervención es el resultado de una investigación de maestría realizada en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Ceará (UFC). En el cual se buscó utilizar los juegos africanos en las clases de recreación como instrumento facilitador de implementación de metodologías de la Ley Nº 10.639/03 que orientan los estudios de África y sus herencias de manera comprometida. El locus de investigación consistió en una clase del 4º año de la Enseñanza Básica I, de la escuela EEIEF 08 de Março, Institución vinculada a la red de educación municipal de la ciudad de Crato en la región de Cariri, al sur de Ceará. Para ello, realizamos intervenciones pedagógicas propositivas y potenciadoras basadas en la Pretagogía (PETIT, 2015), marco teórico-metodológico inventivo, creativo y artístico dotado de saberes y saberes de matriz africana.

**Palabras clave:** Juegos; África; Ley 10.639/03; Escuela. Pretagogía.

**¡Tu puedes entrar, el chiste también puede ser tuyo!**

---

<sup>1</sup> Homem negro, antirracista. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará, onde pesquisa práticas pretagógicas umbandistas e suas implicações na educação escolar. Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2018). Pedagogo e Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2012). Membro do Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais - NEGRER/URCA. Tem experiência na área da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: escola, gestão escolar com ênfase na implementação da Lei 10.639/03 e práticas pedagógicas antirracistas. Atualmente é professor efetivo da Rede Municipal do Crato. E-mail: [samuels1506@hotmail.com](mailto:samuels1506@hotmail.com)

<sup>2</sup> De origem caribenha, é mãe de Kanyin (quem traz a bênção). Graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas pela Universidade Paris VIII, bem como mestrado e doutorado (1995) em Ciências da Educação. Professora da Universidade Federal do Ceará há 24 anos, trabalha com educação das relações etnicorraciais (ERER) e Educação Popular, essencialmente com os temas: pretagogia, cosmovisão/cosmopercepção africana, filosofia africana, pedagogias afrorreferenciadas, tradição oral africana, sociopoética, educação afrocomunitária e eventos tabanka. É coordenadora do Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE), que tem como foco as áreas das africanidades, focando a produção e invenção de estratégias pedagógicas visando a implementação da lei 10.639/03. E-mail: [negapetit@gmail.com](mailto:negapetit@gmail.com)

## **INTRODUÇÃO**

[...] a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas (HOOKS, 2007, p. 11)

Abrimos a tessitura desse ensaio com os dizeres da inesquecível Bell Hooks, que nos ensinou a transgredir e enxergar a educação como prática da liberdade. "Escrever um texto é sempre deixar um pouco ou muito de nós em cada palavra, é tecer em nós cada dizer, acrescentar escritos aos nossos corpos." Escrever é encontrar as linhas que unem nossos seres (SILVA, S., 2018). Aqui, as linhas que costuram este ensaio são a nossa formação identitária negra e a consciência indispensável sobre a importância de ensinar a temática étnico-racial na matriz curricular das escolas.

Assim, este texto é escrito a mãos perpassadas por sentimentos, memórias e histórias diversas no espaço escolar, movimentos que fazem dançar nossas palavras, reflexões e análises ao longo da escrita deste texto, oriundo de experiências encantadas que pretendem prosseguir encantando / brincando na perspectiva de outras buscas, outros encantos, para semear na escola o que foi enraizado e, enfim, florescer em outras escolas (SILVA, S., 2018).

Deseja-se brincando nessa proposta interventiva, a africanização da escola sob o aporte de práticas inspiradoras, que positivam e potencializam o pertencimento étnico-racial, a história da África e suas / nossas heranças marcadas na brasilidade, em especial em Crato (CE), local deste estudo e território potente em africanidades.

Desse modo, o lugar de fala desta pesquisa é a escola, ambiente que procuramos, através desta proposta pedagógica, levar referenciais enegrecedores. A escola é o espaço onde buscamos o desejo de comunhão, efetivando-se pelo processo de amar (e de conhecer pelo amor) através de uma práxis ética, política e humana que leve ao encontro do outro, partindo-se do reconhecimento do/s outro/s e do eu mesmo, é outro modo de ser, é um modo de africanizar-se (OLIVEIRA, 2006).

Africanizar-se, nesse sentido, é promover a ética, valorizando as expressões de todas/os e de cada uma/um, sem massificação ou imposição de modelos, mas fundamentando as múltiplas respostas criativas num sistema ético que, por princípio, define-se pelo reconhecimento do/s outro/s e pela liberdade do ser (idem, p.177).

Assim, este estudo foi além de uma pesquisa de mestrado. Foi um encontro com a nossa ancestralidade africana na escola, apeteendo que ela dance, cante, encante, reencante,

teatralize, brinque, jogue, movimente o corpo na sala de aula e ultrapasse os muros institucionais que anteparam o conhecimento da nossa história e o reconhecimento do eu e do outro (SILVA, S., 2018).

A verdade é que nos animamos mais quando encontramos uma afirmação compartilhada que possibilita o autorreconhecimento, em comunicação com o outro, “uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33). Assim, temos a oportunidade de nos fortalecermos juntas(os), um/a potencializando o/a outro/a.

Aqui, o mergulho do encontro com o outro desaguou nas brincadeiras africanas com as vivências e aprendizagens dos autores e sujeitas(os) nas encruzilhadas da pesquisa. Nesse mundo de gente que desaprendeu a ver as brincadeiras como dispositivo pedagógico potente, trazemos nesse ensaio o corpo encantado, a energia vital ativa, a alegria que vem do âmago que só pode vir de uma criança.

Nesse sentido esperamos que o(a) leitor(a) se deixe ser levado(a) pelas brincadeiras de matriz africana que foram realizadas por nós, mas que pode ser tua também. As práticas não são fornecidas pelo lado despretenso da vida e sim intencionado onde a brincadeira, engendra processos educativos das relações étnico-raciais, que compõem o conjunto de dispositivos considerados indutores para implementação da Lei Nº 10.639/2003 conforme a Resolução CNE/CP 01/2004<sup>3</sup>.

### **Pretagogia: Abordagem teórico-metodológico de matriz africana para prática educacional**

É importante pensar as várias Áfricas que habitam as escolas, em especial as públicas, fincadas em território de maioria afrodescendente, se apropriar de metodologias e epistemologias afrorreferenciadas para compreender que as diásporas são igualmente objeto de tensões, mutações, significações e (re)significações, que suscitam a necessidade de um olhar crítico e reflexivo para as várias migrações que ocupam as salas de aulas, os bancos escolares.

Há de se fazer um trabalho que envolva o coletivo da escola e que traga resultados, tanto imediatos como a longo prazo, para descolonizar a escola e africanizá-la, construindo uma educação afrorreferenciada que potencialize o pertencimento afro das(os) alunas(os), para que

---

<sup>3</sup> O Parecer CNE/CP 01/2004 visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

todas/os possam se conectar com as africanidades, com conhecimento de causa e orgulho de si e da nossa comum herança, conhecendo a história sob um ângulo descolonizado (PETIT, 2015).

Afinal, em maior ou menor grau, pensamos, movimentamo-nos, vivemos um ser brasileiro inspirado na cosmovisão africana (MEIJER, 2012), o que nos falta é enraizar-nos nas nossas heranças ancestrais de matriz afro presentes no nosso jeito de ser e de viver.

Nesse contexto é que se configura a Pretagogia (PETIT, 2015), referencial teórico-metodológico de matriz africana que está sendo construído por pesquisadoras(es)-educadoras(es) e que buscamos trazer neste estudo na perspectiva de fomentar práticas educativas concretas para uma educação antirracista, para o ensino das africanidades e para a valorização da cosmovisão africana e afro-brasileira na escola com ênfase no reconhecimento do pertencimento étnico-racial do alunado.

O referencial teórico-metodológico Pretagogia, abordagem criada no âmbito do NACE – Núcleo das Africanidades Cearenses – parte do pressuposto que, para tratar das particularidades culturais dos/as afrodescendentes, torna-se necessário buscar as bases conceituais filosóficas, essencialmente na Mãe África (PETIT; SILVA, 2011). Assim, tem como objetivo trazer uma abordagem afrorreferenciada para a formação de professores/as:

[...] porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas como bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da mãe África, dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmo, ou seja, uma cosmovisão africana (PETIT, 2015, p. 120).

Busca-se, nas epistemologias e metodologias pretagógicas, fomentar mudanças de postura e propiciar apropriação, que vão desde a descoberta do pertencimento afro, passando pela reflexão acerca de práticas racistas que nos afetam, o reconhecimento das contribuições das/os negras/os na nossa cultura e, sobretudo, a compreensão e valorização da riqueza, diversidade e complexidade dos sistemas culturais africanos, afro-brasileiros e afrodiaspóricos em geral. Para tanto, parte-se dos seguintes princípios:

O **autorreconhecer-se** afrodescendente, assumindo uma postura autoafirmativa e lembrando sempre a importância da raiz africana para nossa constituição como pessoa. **Apropriação da ancestralidade**, pois fazemos parte da linhagem que envolvem os antepassados e os mortos, (...). **A religiosidade de matriz africana**, como base e entrelaçamento de todos os saberes e de todas as dimensões do conhecimento (...), **O reconhecimento da sacralidade** como dimensão que perpassa todos os saberes das culturas de matriz africana (...), **O corpo como fonte primeira de conhecimento e**

**produtor de saberes**, altar espiritual que faz parte do território natureza, e, como tal elemento de sacralidade. **Tradição oral** valorizando o conhecimento que é repassado de modo transversal por meio da oralidade, da vivência e da experiência (...). Princípios de **circularidade** na relação entre seres, os tempos e as coisas (...). Entendimento de noção de território como espaço de tempo socialmente construído e perpassado através da história de várias gerações. E (...) a compreensão do **lugar social historicamente atribuído ao negro**, marcado pelo racismo estrutural, o que nos exige posturas de desconstrução do estigma forjado secularmente a população afrodescendente (PETIT, 2015, p. 122-123, grifo nosso).

Mais do que se preocupar explicitamente com o racismo, a Pretagogia busca valorizar e potencializar nossas raízes africanas, fazendo-nos reconhecer nossas heranças afroancestrais na formação cultural brasileira e transpondo esses conteúdos para os currículos educacionais (PETIT, 2015). A transposição pretagógica se dá nas vivências corporais, linguagens artísticas, visitação a espaços-recursos afroancestrais, rodas de conversas, estações de aprendizagens<sup>4</sup>, entre outras, permitindo aos sujeitos sociais manter uma relação estreita entre vivência e teorização, no sentir do próprio corpo os conceitos que perpassam a cosmovisão africana.

Desse modo, no intuito de responder os objetivos da nossa proposta interventiva utilizamos a Pretagogia para delinear as intervenções. Nesse sentido, não existe, neste estudo, a relação sujeito-objeto / objeto-sujeito, tampouco o olhar de pesquisadores que foram a campo apenas coletar e analisar dados. Trata-se da relação sujeito-sujeito implicada na busca de respostas concretas para uma educação que valorize a cosmovisão africana a partir das brincadeiras e faça valer esses conteúdos na matriz curricular da escola.

É desde esses conteúdos interventivos que se deseja, neste ensaio, marcar a vida profissional e pessoal das/os leitoras/es, sensibilizá-las/os e possibilitar um novo olhar e atitude para o mundo africano que ecoa na integridade da escola, para que ela seja descolonizada a partir da africanização. Entretanto, para descolonizá-la, é preciso passar pelas dimensões da descolonização do corpo, dos referenciais, do olhar, do poder, do saber, do ser e do brincar (SILVA, S., 2018).

### **Quem sabe faz a hora não espera acontecer: Movimentando a Lei nº10.639/2003 na integridade da escola por intermédio das brincadeiras africanas**

A Lei Nº 10.639/2003 ao prever uma educação afrorreferenciada que promova a equidade étnico-racial, respeite, inclua e valorize os aspectos civilizatórios e repertórios

---

<sup>4</sup> Dispositivo pretagógico usado nas vivências para tornar circular e transversal o tema da cosmovisão africana através de várias temáticas interligadas.

culturais das populações africanas e afrodescendentes nas escolas, chama a responsabilidade e o compromisso dos sistemas de ensino a não contribuírem para a estereotipia, o preconceito, a discriminação e a estigmatização, cujas africanidades estiveram vulneráveis ao longo da história. A citada lei “[...] além de incidir positivamente sobre o fortalecimento das estruturas democráticas do país, converge para as preocupações estratégicas nacionais” (MOORE, 2008, p. 79).

O tempo presente cobra ações emergentes para o trabalho de superar um desequilíbrio histórico quanto à presença da matriz africana na nossa formação identitária com respaldo oficial na brasilidade / africanidade. Sobretudo, por estarmos vivenciando uma conjuntura temerosa de ameaças e quebras constitucionais de direitos conquistados à luz de tantas lutas.

Precisamos ecoar com mais firmeza que o debate da questão etnicorracial não vai cair no esquecimento! Daí a importância da relativização nos espaços educativos que têm por objetivo abrir mentes e promover diálogos entre sujeitas(os) diversos, sejam elas(es), alunas/os, professores/as, gestão escolar, técnicas/os, administração escolar, pais, mães, conselho escolar e/ou todas(os) profissionais que enfrentam, na integridade da escola, os impasses e os limites de realizar o que a lei 10.639 determina.

Precisamos estar atentos(as) as novas estratégias didáticas, buscar inovações pedagógicas, sacudir a escola, mexer com os alunos, agitar os professores e recriar linguagens capazes de superar os limites da pura razão para tocar no imaginário e nas representações (Munanga, p. 60, 2010).

É preciso ressaltar, ainda, que a Lei 10.639/03 mais do que obrigar o estudo da história africana e afro-brasileira no campo da educação, ela vem também a partir de um conjunto de ações e medidas, “[...] corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro” (BRASIL, 2004, p. 5).

Por isso, se tratando da implementação da citada Lei e suas formas de regulamentação nos sistemas de ensino, é fundamental a autonomia do/a professor/a em fomentar ações educativas que chamem a atenção de toda escola sob aporte teórico-metodológico de vivências afrorreferenciadas para o reconhecimento da nossa africanidade.

Ao dizer africanidades brasileira estamos referindo às raízes na cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos de um lado, nos referindo ao modo de ser, de viver, de originar suas lutas, próprias dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independe da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia (SILVA, P., 2018, p. 155).

Nesse sentido, as brincadeiras, com seus significados e significâncias, é resultado do movimento ancestral percorrido na nossa investigação e a descoberta de jogos que são africanidades enraizadas no solo brasileiro, no caso desse estudo, na escola, território potente em africanidades.

Inundar as/os alunas/os com referenciais positivos sobre o seu lugar no mundo, é um passo importante para aumentar a autoestima delas/es, pois sempre que um/a educando/a admira as características físicas e a personalidade de um/a personagem, se identificando com ela/e, aprende a gostar mais de si, da sua história e passa a se afirmar e se aceitar no mundo (RAMOS, 2017). Além de revelar que a terra mãe África repousa numa ligação sem fim por intermédio das africanidades.

Desse modo, as brincadeiras ancestrais na sua relação social e étnico-racial, é o mote dessa proposta interventiva sob orientação da Lei 10.639, de uma maneira crescente e gradual, onde a concepção de brincadeira adotada na pesquisa foi tomando nosso corpo e potencializando reexistências possíveis no âmbito escolar (MARANHÃO, 2009, p XX).

Sendo assim, marcamos o nosso conceito de brincadeira nesse ensaio, na perceptiva de brincadeiras africanas, que estão ligadas à vida social, aos ensinamentos dos princípios éticos da cosmovisão e cosmosensação africana, aprendendo na coletividade formas de reconexões que levem ao encontro do outro e do eu, fora dos parâmetros da racionalidade europeia (MARANHÃO, 2009).

Nesse sentido, devemos estar e ser no mundo, assim como o mundo está e é para nós. É nesse jogo de “ser-para-si” e o “ser-no-mundo”, que focamos nossas intervenções pretagógicas obedecendo a legislação vigente. Afinal, quem sabe faz hora, não espera acontecer.

### **Penso / logo brinco / brinco / logo penso - Brincadeiras Africanas**

O saudoso mestre Joel Rufino diz que a palavra escravidão assusta e causa rejeição nas crianças e nos jovens afrodescendentes em relação à história da África, por trauma psicológico. Por isso, pensando em especial nas crianças, Joel fala em difusão da potência da cultura da diáspora a partir da valorização das formas de pensar, agir, criar, celebrar, festejar, fazer arte e, sobretudo, difundir as brincadeiras africanas recriadas do lado de cá do Atlântico.

As brincadeiras ancestrais, na sua relação social e étnico-racial recriadas do lado de cá do atlântico, faz com que a educação escolar seja um processo educativo fundamentalmente

corporal. O corpo entendido como núcleo que dá o tom de pulsar experiências decoloniais, experimentações afrorreferenciadas e percursos brincantes antirracistas.

O corpo brincante é o próprio chão e montagem da educação. É ele que pode fazer a escola ser um acontecimento coletivo aos viventes para que cada ser risque a partir das brincadeiras um ponto único, imensurável e intransferível do seu viver na relação consigo e com o outro. Cada cisma, teimosia, riso, empenho e alegria do corpo que brinca, conflui um acontecimento visível e sentido.

Nesse sentido, a partir do campo da Recreação, componente curricular lecionada por pedagogos/as nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a mesma que recebe o nome de Educação Física no Ensino Fundamental II e Médio, consideramos um espaço privilegiado para refletir e pensar as brincadeiras africanas no contexto escolar marcado pela invisibilidade e apagamento das brincadeiras afro e reprodução de modelos euroferenciados de jogos.

Se pensamos, logo brincamos, logo existimos. Nesse sentido compartilhamos a seguir as cinco brincadeiras africanas sob auxílio da pretagogia, são corpos encantados dos(as) alunos(as) do 4º ano do Ensino Fundamental I, brincantes (protagonistas) da nossa pesquisa interventiva.

**Fogo na montanha:** É uma brincadeira oriunda da Tanzânia, que compõem um dos cinquenta e quatro países do continente africano, localizado na costa lesta do continente. Sobre a brincadeira, todas/os as/os jogadoras/es ficam de costas. O/a líder grita “fogo na montanha!” E todas/os jogadoras/es pulam, viram para frente e respondem “fogo”! O/a líder tenta imaginar vários lugares diferentes para o fogo e sempre as/os jogadoras/es respondem fogo sem pular. O líder pode dizer a palavra-chave a qualquer momento, como parte de uma frase, tipo “fogo no barco azul”. Quando a palavra-chave for dita, todas/os jogadoras/es devem pular e virar para frente gritando “fogo”. Quem errar os movimentos sai do jogo até ficar uma única pessoa (CUNHA, 2016).

**Figura 1** - Aula de recreação, brincadeira africana: Fogo na Montanha



Fonte: Os autores, 2017



**Terra-mar:** É uma brincadeira oriunda de Moçambique, país localizado na porção sudeste do continente africano. Sobre a brincadeira, uma longa reta deve ser riscada no chão ou dividida conforme as/os jogadoras/es considerarem adaptável ao momento. A brincadeira pode ser realizada também na circularidade. As crianças podem optar por qual lado querem começar, portanto que fiquem ao iniciar a brincadeira todas/os ou do lado da terra ou do mar. Ao ouvirem: “mar”, todas/os devem pular para o lado do mar. Ao ouvirem: “terra”, pulam para o lado da terra. Quem pular para o lado errado sai, o último que permanecer na brincadeira é o/a vencedor/a (CUNHA, 2016).

**Figura 2** - Aula de recreação, brincadeira africana: Terra-Mar



Fonte: Os autores, 2017

**Acompanhe os meus pés:** É uma brincadeira oriunda do Zaire, uma das dezoito províncias de Angola, localizada no Norte do país. Sobre a brincadeira, todas/os estão no círculo. A brincadeira inicia a partir do momento em que a música começa a ser entoada e o/a líder vai à frente de alguém que compõe a roda e faz uma ou mais expressão corporal. Se a pessoa conseguir copiar os movimento/s corporais que o/a líder fizer, ela/e será o novo/a líder e escolherá outra pessoa para continuar. Quem não conseguir acompanhar as expressões corporais que a/o líder realizar, vai ficando de fora da brincadeira (CUNHA, 2016).

**Figura 3** - Aula de recreação, brincadeira africana: Acompanhe Meus Pés



Fonte: Os autores, 2017

**Kakopi:** É uma brincadeira oriunda de Uganda, segundo país sem litoral mais populoso do continente africano. Sobre a brincadeira, com exceção da/o líder, todas/os sentam-se em uma linha reta ou círculo com as pernas estendidas e braços assegurados. Enquanto a música vai sendo entoada, vão-se fazendo movimentos da direita para esquerda e vice-versa com o corpo. Enquanto a música vai passando e os corpos vão sendo movimentados, o líder, que irá iniciar a brincadeira, vai apontando para as pernas das pessoas que estão na roda participando da ludicidade. Quando a música parar, o líder estará apontando para uma das pernas das/os participantes, esta/e deve dobrar a perna e dizer uma palavra referente à cultura afro no tempo de um minuto. Caso ela/e não saiba ou recorde, sairá da brincadeira. O último que ficar com a perna estendida ganha (CUNHA, 2016).

**Figura 4** - Aula de recreação, brincadeira africana: Kakopi



Fonte: Os autores, 2017

**Mamba:** É uma brincadeira oriunda da África do Sul, país situado na extremidade Sul do continente africano e marcado por vários ecossistemas diferentes. Sobre a brincadeira, marca e estabelece um limite de espaço. Todas/os devem permanecer dentro do ambiente. Decide-se no coletivo que uma/um participante seja mamba (cobra) e inicie a brincadeira. A cobra corre ao redor da área marcada e tenta apanhar as/os outras/os participantes. Quando alguém é pego, ela/e segura sobre os ombros ou cintura do última/o que foi pego e que representa a cobra, assim sucessivamente. Somente a primeira pessoa (a cabeça da serpente) pode pegar as/os membros na brincadeira, as/os demais partes do corpo podem ajudar, não permitindo que as/os adversárias/os passem, pois estes não podem atravessar pelo corpo da serpente. A/o última/o que não for pego vence (CUNHA, 2016).

**Figura 5** - Aula de recreação, brincadeira africana: Mamba



Fonte: Os autores, 2017

### **Entrando no território das memórias: As brincadeiras de raiz africana na cosmopercepção e cosmosensação das/os educandas/os da escola 08 de março**

Agora, compartilhamos as falas das/os brincantes (sujeitas/os) da pesquisa carregadas de encantamentos, trazendo as avaliações delas/es acerca dos momentos. Os discursos são registros do nosso último encontro, do nosso último dia de intervenção pretagógica na escola, onde, em círculo, dialogamos com a possibilidade de acrescentar ao nosso fazer educativo, nosso ser pedagógico, novos sentidos e significados à nossa formação por meio da reflexão sobre o que fizemos. Vamos às vozes encantadas:

Gostei muito das brincadeiras, agora vejo a África muito linda, bem alegre, não sabia que lá tem brincadeiras e eles brincam como a gente aqui no Brasil, aprendi que a África não é só coisa ruim (aluno – 4º ano). Eu aprendi que as brincadeiras foram trazidas pelos nossos ancestrais, quando cheguei na minha casa ensinei elas ao meu irmão e fui brincar com ele [...] agora eu vejo a África como um continente bem grande e bonito (discente – 4º ano). A gente aprendeu muito, vou guardar para sempre no meu coração e passar para minhas amigas todas as brincadeiras que eu não conhecia e nem imaginava que fosse da África (educanda – 4º ano). Eu aprendi que os nossos ancestrais resistiram também através das brincadeiras e trouxe elas para o Brasil pra gente nunca esquecer a riqueza da nossa ancestralidade negra, agora eu sou uma menina ancestralizada (aluna – 4º ano). Eu aprendi sobre ancestralidade africana e que existe na África uma cultura muito grande, alegre, divertida, de muita beleza (discente – 4º ano). Eu avalio como as melhores aulas que eu assisti aqui na escola, as brincadeiras africanas, a cultura africana, a gente rindo, alegre, se divertindo na praça, correndo, eu não queria que tivesse acabado as atividades sobre as brincadeiras africanas [...] é nossa ancestralidade (discente – 4º ano). Pra onde eu for eu vou levar as brincadeiras africanas que eu aprendi com vocês [...] eu pensava que na África só tinha pobreza e sofrimento, mas depois das brincadeiras eu aprendi que não, é nossa cultura, nossa raiz, de onde viemos (educanda – 4º ano). Todos os encontros foram bons demais, eu aprendi que as brincadeiras africanas são elementos da

nossa raiz que a gente tem hoje, tipo, todas as brincadeiras que nos mostrou a verdadeira história da África como berço da humanidade [...] eu aprendi a valorizar as africanidades [...] (aluna – 4º ano).

Esses depoimentos memoráveis, que tivemos o prazer de sentir, ouvir e transcrever, em especial a última fala, a voz de uma aluna do 4º ano, denunciam que a pesquisa interventiva contribuiu para conscientização, valorização e reconhecimento das africanidades, assim como avanço na implementação da Lei 10.639/2003.

Pois implementar a citada lei é desenvolver ações educativas na ambiência escolar, na perspectiva de mexer com o currículo da escola, através de um trabalho que traga resultados duradouros e satisfatórios, mesmo com os muitos fios soltos que precisam ser puxados e amarrados para que a lei se torne realidade e se efetive em todas as escolas brasileiras.

Trazer esses relatos potencializa ainda mais o nosso comprometimento com a educação das relações étnico-raciais no âmbito escolar, pois saber que uma experiência de cinco encontros formativos ajudou a transformar práticas educativas, marcar vidas, é realizar a função mesma da educação que ainda não reflete sobre a grande lacuna curricular que existe na formação dos professores, que foram privados do contato com produções bibliográficas e conteúdos que contemplem a história da terra-mãe África e suas / nossas heranças ancestrais durante o processo de ensino e aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES – A BRINCADEIRA NÃO PODE PARAR**

[...] minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial [...] ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase [...] (HOOKS, 2007, p. 10-11).

Culminamos este ensaio com os dizeres da nossa encantada Bell Hooks, que nos embalou com seus escritos que propiciam o desdobramento das ideias antirracistas e decoloniais. Mesmo no cenário de dúvidas e risco da educação brasileira, esta pesquisa nos possibilitou apreender a necessidade de apostar na descolonização do currículo escolar, em processos formativos descolonizantes e na africanização das instituições educacionais. Por esses e outros motivos implicados neste trabalho, não nos despedimos, preferimos dizer até breve. Entendemos, a partir deste ensaio, que o importante é não concluir, é não ir embora e, para ser fiel, esta proposta interventiva continuará, seguirá.

Ao mergulhar no exercício de conclusão, percebemos os caminhos traçados e os anseios vividos. O estudo tinha como objetivo geral utilizar brincadeiras africanas em aulas de recreação como instrumento facilitador para a implementação da Lei Nº 10.639/2003, intentando oferecer ao campo de estudo dispositivos pretagógicos que possibilitasse avanços na implementação da citada Lei. E, como objetivos específicos, descobrir estratégias pretagógicas de matriz africana na perspectiva das brincadeiras oriundas da África, que pudessem subsidiar os/as docentes, no trato da história e cultura africana e afro-brasileira, bem como verificar que contribuições essas brincadeiras, poderia trazer para o currículo da escola em torno da educação das relações étnico-raciais.

Evidencia-se, então, que os objetivos deste estudo foram consolidados, uma vez que elaboramos orientações educativas conduzidas pelos princípios da cosmovisão africana com base nas brincadeiras, que não só implicaram na prática educativa e no fazer pedagógico dos educandos e educadores, mas foram orientadas a serem inseridas no Projeto Político Pedagógico (PPP), no Regimento (RE) e no currículo da escola.

Num tom mais intimista, compreendemos que as vivências interventivas, ajudaram a romper discursos usados na escola, justificando que não são inseridos no currículo o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, “porque falta material”, “porque não há recursos didáticos-pedagógicos”. Na investigação buscamos ver, ouvir e sentir a multiplicidade de constituição dos sujeitos implicados na concepção da organização e do fazer escola, para ter a sensibilidade de compreender e registrar os resultados da pesquisa a partir das brincadeiras de matriz afro, possibilitadoras do reconhecimento do legado ancestral marcado na cultura local.

Foi bonito vermos e sentirmos os educandos descortinando suas identidades, reencontrando suas ancestralidades, tornando-se conscientes de suas africanidades. Por isso somos gratos aos nossos mais velhos que resistiram para que nós chegássemos até aqui e aos mais novos, especialmente os alunos da escola 08 de março, brincantes, sujeitos da pesquisa e que são a força motriz para nós continuarmos / seguirmos brincando em outros chãos redondos.

Dito isso, ressaltamos a nossa emoção de voltarmos aos braços da terra-mãe, África, através deste estudo, abraçado com tantos Erês<sup>5</sup> queridas/os e poder apresentar aos leitores(as), um pouco ou muito das nossas heranças ancestrais fincadas no território afrocratense, além de revelar que a África é todo e qualquer lugar onde estivermos, porque a África não é somente um chão de um continente. Ela possuiu alma, por isso é todo um povo, ou seja, a alma da África

---

<sup>5</sup> Em diversas casas umbandistas, Ibeji e Cosme Damião são os protetores da falange de erê, formada pelos espíritos de crianças que chegam nas giras para brincar, comer doces, bolos e carurus, beber guaraná e trabalhar em ritualística de cura a partir da festa (SIMAS, 2021, p. 170) .

também somos nós, leitores(as) brincantes transformados nestas brincadeiras de raiz africana (SOARES, 2016).

Brinquemos!

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Parecer CNE/CP 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC, 2004.
- CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- MARANHÃO, Fabiano. **Jogos africano e afro-brasileiros nas aulas de Educação Física: processos educativos das relações étnico-raciais**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2009.
- MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da Cosmovisão Africana na Escola: Narrativa de uma Pesquisa-formação com Professoras Piauienses**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- MOORE, Carlos. **A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. Educação e Diversidade Cultural. In: O Negro na Contemporaneidade e suas Demandas. Cadernos PENESB 10/ **Revista do Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**, n.10, Rio de Janeiro / Niterói. Janeiro. de 2008/junho de 2010.
- OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. 2 ed. Curitiba: Editora Gráfica, 2006.
- PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. Pret@gogia: Referencial Teórico-Metológico Para o Ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In: CUNHA Jr. Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cicera (org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- SILVA, Morais Samuel. **Baobando em uma formação de raiz africana com professoras(es) da Educação Básica na cidade de Crato-Ce**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos**. Disponível em: [www.educacao.salvador.ba.gov.br](http://www.educacao.salvador.ba.gov.br). Acesso em 10 jan. 2018.
- SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: uma história do Brasil**. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SOARES, André Luis. **Sobre as vitórias que a história não conta.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.

*Recebido em: 15 de agosto de 2022.*

*Aprovado em: 08 de janeiro 2023.*